

ALCORÃO

prof.com.partilhando

HISTÓRIA
EM FOCO



História em Foco Alcorão, Ano 2 - nº 2

Quem foi
MAOMÉ, o
profeta que
concebeu o
Livro Sagrado?

PALAVRA MANIPULADA?

O Alcorão prega paz, tolerância religiosa e igualdade.
Como extremistas fazem você acreditar no contrário?

UM BASTA AO PRECONCEITO

O Islamismo, religião fundada por Maomé, de modo geral, está bem distante de quaisquer estereótipos. Tratando-se de uma religião abraâmica, está muito mais próxima do Cristianismo do que se pode imaginar: suas bases estão na paz e no amor ao próximo, legitimando um só Deus, o mesmo de judeus e cristãos e, como prega o Alcorão, reconhecendo que estes também podem ganhar o reino dos céus. Aliás, é sobre o livro mais importante para os muçulmanos que precisamos falar: embora seja usado por organizações terroristas para justificar a violência, é visto internacionalmente (e por pesquisadores que se dedicam ao assunto há anos) como uma obra que pode ser interpretada de maneira equivocada, observando o contexto.

Alguma coincidência com a Bíblia? Claro, já que, quando interpretado ao pé da letra, o “livro dos livros” cristão também dita regras que causariam espanto se praticadas na modernidade. Muitos costumes islâmicos questionados no mundo ocidental têm sua origem mais em elementos políticos do que religiosos. O uso do hijab, por exemplo, o véu que cobre o rosto das muçulmanas, serviu, em muitos países, como uma desculpa para manter a repressão que já existia culturalmente muito antes do Islã ser instituído. Em outros casos, não há a rigorosidade para o uso do véu, mas muitas mulheres optam por manter a tradição – assim como no Brasil, seguidoras de vertentes específicas do Cristianismo não abrem mão de determinadas vestimentas.

Então, em uma análise profunda, as similaridades começam a surgir. E nada melhor do que ir a fundo à questão para derrubar o preconceito que tem invadido o Ocidente, uma vez que é unânime a opinião, entre as mais sérias autoridades muçulmanas ao redor do mundo, que o extremismo sanguinário não os representa.

Boa leitura,

A redação.

04 Origens

O Alcorão, a obra mais importante para os muçulmanos, é precedido por uma polêmica história sobre herança e fé



07 Política

Além de ser um guia espiritual, o livro sagrado do Islã está nas bases da política e da economia nas comunidades muçulmanas



10 Polêmicas

Distorções na interpretação do Alcorão e visões extremistas e fundamentalistas colocam os muçulmanos, de maneira geral, em meio a discussões perigosas



A RAIZ DO LIVRO SAGRADO

O Alcorão, a obra mais importante para os muçulmanos, é precedido por uma polêmica história sobre herança e fé





Antes mesmo de falarmos sobre Alcorão, é preciso falar de Maomé. Enquanto Jesus é, para aqueles que nele creem, o filho de Deus e sua própria imagem, o grande profeta muçulmano não deixa de ser um homem, apesar de seus dons espirituais. Deste modo, Maomé foi abençoado como o profeta encarregado de estabelecer a fé definitiva em um Deus único: Alá.

Historiadores situam o nascimento de Maomé na cidade de Meca, Arábia Saudita, no dia 12 do mês de Rabi' al Awwal, no ano do elefante – o que corresponde ao dia 20 de Abril de 571 no calendário gregoriano. De acordo com a tradição, a linhagem paterna de Maomé remonta à tribo do profeta Ismael, filho de Abraão considerado o patriarca das três maiores religiões da atualidade – islamismo, cristianismo e judaísmo –, e uma mulher chamada Agar, que era serva de Sara, a primeira esposa de Abraão que não podia ter filhos e recorreu a sua criada para gerar a criança. Contudo, cerca de 15 anos mais tarde, Sara engravidou de Abraão, dando à luz Isaque, cuja descendência inclui outros nomes sagrados para as três religiões, como Jacó, Moisés, Davi e Salomão, além de Jesus.

As divergências surgem a partir do momento em que os muçulmanos consideram que, por ser o primogênito de Abraão, Ismael fora o escolhido do Senhor para fundar a linhagem sagrada. Contudo, judeus e cristãos acreditam que é Isaque o verdadeiro filho da promessa de Deus – um conflito que dificilmente será solucionado.

Sobre sua infância, sabe-se que Maomé – ou Muhammad – perdeu o pai e a mãe ainda muito novo, antes de completar sete anos de idade. A partir daí, foi criado primeiramente por seu avô Abdul-Mutalib e depois por um tio chamado Abu Talib.

A tradição islâmica conta que Maomé, desde a infância, desconfiava dos ídolos que os árabes adoravam e tinha um comportamento exemplar, por isso, ainda jovem recebeu o título de Al Amin, que significa “o confiável”.

Aos 25 anos, Maomé casou-se com uma comerciante chamada Khadeeja, 15 anos mais velha do que ele. Consumada a união, Maomé passou a ter direito sobre os bens da mulher e um de seus primeiros atos teria sido libertar os escravos que lhe pertenciam. Com sua primeira esposa, Maomé teve sete filhos, dos quais três meninos morreram pouco tempo depois do nascimento, mas as quatro meninas viveram mais tempo e foram casadas.

Contra a maré

No século 7, o mundo árabe tinha uma forma de organização bem peculiar, com um sistema político e religioso poliárquico, com várias unidades político-econômico-religiosas autônomas. Cada lugarejo, vila ou cidade tinha sua aristocracia, onde praticavam cultos, regras e administração próprios. Em relação às crenças religiosas, tratava-se de um cenário politeísta, mas todas as religiões estavam ligadas a uma divindade criadora (Al-Iláh, ou “o deus”), cujo templo estava em Meca. Esse templo era a Caaba, uma construção em torno de um meteorito – a Pedra Negra.

Foi esse ambiente, com o qual não concordava, que levou Muhammad a buscar conhecimentos espirituais que pudessem aliviar suas aflições. Assim, ele adquiriu o hábito de se isolar em uma caverna no monte Hira para fazer suas orações e meditar sobre os erros de seu povo. E foi nesse lugar, quando já tinha 40 anos de idade, que lhe apareceu o anjo Gabriel para revelar a palavra de Deus. Começava ali uma das maiores mudanças de rumo na história da humanidade.

Maomé ficou bastante perturbado e, por fim, achou que estava ficando maluco. Porém, Khadeeja convenceu o marido de que não se tratava de uma aparição demoníaca e o profeta entendeu que as mensagens tinham a natu-

reza idêntica daquelas recebidas pelos profetas dos judeus e cristãos. Dessa forma, Maomé aceitou se dedicar à missão profética de espalhar pela Arábia a mensagem de uma religião monoteísta.

O Alcorão

Maomé recebeu diversas outras revelações ao longo de sua vida, e o Alcorão surgiu justamente como veículo litúrgico para a palavra de Alá. Uma das maiores dúvidas em relação à produção desse livro diz respeito à escrita. É sabido que Maomé não sabia ler, nem escrever, mas o profeta, como creem os muçulmanos, ditou todo o livro, palavra por palavra, a seus seguidores que ficaram responsáveis por redigir a obra completa. Isso também explica porque a tradição oral do Alcorão

(existem concursos que elegem aqueles que melhor recitam o livro sagrado) se tornou mais popular do que o hábito da leitura.

Entretanto, as palavras de Maomé acabaram por despertar a ira dos co-raixitas, que tomaram uma atitude drástica: arquitetaram um plano para matá-lo. Movido por ordens de Deus, o profeta fugiu de Meca para Medina com a ajuda de seu pequeno grupo de seguidores, num processo histórico conhecido como Hégira – que consiste no marco zero do calendário muçulmano. Fortalecia-se cada vez mais o Islamismo, uma religião calcada na fé em Alá, na crença do profeta Maomé como seu principal mensageiro, e na crença no Juízo Final, além dos Cinco Pilares, que norteiam a fé islâmica até hoje.

A fé inabalável

Os pilares do islamismo sustentam a crença de milhões ao redor do mundo, que buscam obedecer aos cinco preceitos que regem a religião:

O Testemunho da fé (al-Shahadah)

“Não há outra divindade além de Deus, o único sem associado, e Maomé é Seu servo e mensageiro”: esta é a frase que os seguidores devem ter sempre em mente.

A oração (al-Salah)

Os muçulmanos devem orar cinco vezes ao dia em direção a Meca. É o meio pelo qual cada ser humano pode se comunicar com Deus diretamente, e colocar sua preocupação a ele sem a intervenção.

A esmola (al-Zakah)

Nas crenças islâmicas, a esmola é benéfica tanto para quem recebe quanto para quem contribui, pois purifica o homem em relação aos malefícios do egoísmo e também da ganância.

Jejum (al-Saum)

É obrigatório para todo muçulmano saudável e residente jejuar no mês de Ramadã (nono mês do calendário lunar). As abstenções incluem comidas, bebidas, relações conjugais e tudo que estiver relacionado a brigas ou ofensa moral ao próximo.

A Peregrinação (al-Hajj)

É obrigatório para todo muçulmano saudável e financeiramente capaz de custear as despesas peregrinar a Meca uma vez na vida, pelo menos.



FOTO iStock.com Getty Images



ALICERCE SOCIAL

O Alcorão, além de ser um guia espiritual, está nas bases da política e da economia nas comunidades muçulmanas

Para entender a importância do livro mais sagrado do Islã, contextualização é fundamental. No século 6, a península arábica era marcada por uma economia baseada na agricultura e muitos conflitos movidos por disputas comerciais. Além disso, em termos de organização social, a estrutura era composta por uma população dividida, sob um estado descentralizado e regida pelo politeísmo. Com o caos se instaurando, muitas vezes a religião era o conforto e também a

esperança de que dias melhores chegassem, por isso a peregrinação a Meca era recorrente, principalmente entre os comerciantes que rumavam para a localidade para encontrar prosperidade por meio da fé. Meca se tornou, além de um ponto de encontro religioso, obviamente, um lugar em comum entre os homens de negócios.

O papel de Maomé neste ponto é crucial: com a aparição do anjo Gabriel e a missão do profeta de disseminar as palavras sagradas de Alá – o que,

consequentemente, significou pregar o monoteísmo – nascia também o receio de que diminuísse a peregrinação até a cidade que se tornara referência para o comércio, o que impactaria também as negociações. Deste modo, é interessante analisar que a conversão à religião muçulmana, agora unificada e de caráter monoteísta, também contou com fatores econômicos. Muitos preferiram reconhecer Maomé como o grande profeta no sentido de manter o, ao menos aparente, tranquilo movimento em Meca.

Mercado sob a fé

Economicamente, o Alcorão também acaba por influenciar e nortear as ações individuais e coletivas. De modo individual, por exemplo, o livro sagrado determina que todo aquele que tenha subsídios financeiros se dedique a visitar Meca, pelo menos uma vez na vida. Outro exemplo é que a caridade também deve ser praticada, de modo que uma grande parcela dos muçulmanos financeiramente estáveis observa esse terceiro pilar do Islã com rigidez.

No âmbito coletivo, um dos pontos sustentados pelo Alcorão, no que diz respeito à economia, é a proibição de monopólio. Os impostos de cada cidadão são calculados com base em sua renda e os recursos são destinados à sociedade – o que teoricamente deveria acontecer mesmo em territórios que não estão sob a Sharia (leia a seguir) e, a partir de uma perspectiva leiga, não se sabe ao certo o quanto das leis religiosas são observadas com rigidez quando se trata de políticas econômicas.

Ainda no que se refere ao comércio, é possível perceber que algumas práticas são restritas justamente por observar

“O Alcorão também condena a riqueza excessiva, por considerar o acúmulo de riquezas uma distração que afasta os fiéis de seu principal objetivo: a comunhão com Alá”

que tais ações podem prejudicar o “lado mais fraco”. É o caso de juros sobre empréstimos e investimentos, uma vez que, de acordo com o Islamismo, a prática fomenta a exploração em relação ao devedor – embora para algumas autoridades religiosas certas formas de juros são lícitas. O Alcorão também condena a riqueza excessiva, por considerar o acúmulo de riquezas uma distração que afasta os fiéis de seu principal objetivo: a comunhão com Alá.

Política com religião

Apesar das interpretações equivocadas em torno das palavras do Alcorão, o livro sagrado do Islamismo traz, na realidade, lições que devem orientar o dia a dia dos fiéis, bem como a educação. O que poucas pessoas não muçulmanas sabem é que até mesmo noções do Direito moderno tem como base o livro mais lido pelos islâmicos, além de tais

diretrizes se basearem também na Suna. Esta última obra leva em seu nome o significado “caminho trilhado”, e traz em seu conteúdo as vias seguidas por Maomé, seus feitos e suas convicções – que devem ser colocadas em prática e servir de exemplo aos muçulmanos.

De maneira prática, a Suna se torna principal objeto de apoio quando o Alcorão não fornece conceitos e regras definitivos aos muçulmanos, fazendo com que eles se voltem para o conjunto de instruções com os dizeres e as realizações de Maomé. Na verdade, a Suna é uma fonte secundária de como praticar o Islamismo, mas não menos importante que o Alcorão.

No que tange o conjunto de regras que regem as sociedades muçulmanas, Alcorão, Suna e líderes religiosos pautam o conjunto de leis conhecido como Sharia. Nele, há princípios rígidos obedecidos de forma semelhante



FOTO Shutterstock images

por todos os seguidores, e princípios mutáveis aplicados de acordo com a aspiração de cada país adepto ao Islamismo. Embora trate-se também de política, não existe uma separação bem delimitada entre conceitos políticos e conceitos religiosos; as duas arestas se encontram e se fundem.

A Sharia pode ser aplicada de maneira integral – quando os países inserem a religião em sua constituição e, assim, esse sistema passa a ser a fonte principal das leis – ou de maneira dual, quando o Estado é laico, mas é dada aos muçulmanos a opção de serem julgados, se necessário, por órgãos islâmicos regidos pela Sharia. A Sharia também pode ser adotada de maneira secular, em que o país declara política e religião desvinculadas. Na prática e de modo geral, aquele responsável por tomar medidas políticas em territórios regidos pela Sharia deve, primeiramente, analisar o viés religioso para, depois, decidir de maneira política.

Que países seguem a Sharia?

Não são todos os países praticantes da religião islâmica que adotam a Sharia. No Paquistão, em Bangladesh e na Indonésia, por exemplo, as respectivas constituições são separadas do campo religioso, e utilizam a Sharia apenas para alguns casos relacionados ao direito familiar, como casamentos e heranças. Já o Irã e a Arábia Saudita seguem a Sharia praticamente por completo, com um conjunto de leis intimamente ligado à religiosidade. Nesses dois países, punições previstas pela lei, como o apedrejamento de mulheres, infelizmente ainda vigoram. A Turquia é o único país muçulmano com uma constituição completamente secular, que independe das regras do Alcorão.

Em 2011, um grupo islâmico fundamentalista de Londres espalhou advertências em áreas a leste da cidade, que determinavam locais que estariam sob a Lei Islâmica



A FORÇA DA EXPRESSION

*Distorções na interpretação do Alcorão e visões
extremistas e fundamentalistas colocam os muçulmanos,
de maneira geral, em meio a discussões perigosas*



FOTO iStock.com Getty Images

Em um período turbulento, em que a intolerância religiosa tem se manifestado de maneira assassina, em nome de diferentes crenças – relatos de violência contra seguidores de religiões de matriz africana são frequentes no Brasil, por exemplo –, o debate em torno do extremismo islâmico é levantado com fervor. De maneira generalizada e com contribuição de uma grande mídia que não se esforça em esclarecer que os chamados jihadistas não representam a totalidade da fé muçulmana, demonstrações de preconceito são frequentes inclusive por aqui, onde criou-se o consenso de que todo muçulmano é um terrorista em potencial.

O julgamento não só é equivocado como demonstra desconhecimento da religião. A começar pelo termo *jihad*, com presença marcada nos jornais, associado à violência. Trata-se de uma questão de interpretação: literalmente, a palavra significa “empenho”, mas sofreu apropriação dos grupos extremistas para determinar sua “guerra santa”, que incluiu os atos terroristas amplamente noticiados (ao menos quando se trata dos ataques ocorridos no Ocidente).

Entretanto, tradicionalmente o termo engloba dois conceitos diferentes: o *jihad* maior e o *jihad* menor. O primeiro consiste na luta interior de cada pessoa contra os seus desejos, com a finalidade de alcançar a paz interna. Em outras palavras, é o esforço que a pessoa faz para se manter no caminho correto, afastando-se de pecados e resistindo às tentações. Já o *jihad* menor é extremamente amplo, e pode ser definido como tudo aquilo que abrange o comportamento da pessoa em relação a seu semelhante. Para um muçulmano, divulgar a sua religião e ajudar o próximo fazem parte do *jihad* menor – trata-se de pequenas

ações pelas quais acredita-se, não só no Islamismo como também no Cristianismo, por exemplo, que é possível se aproximar de Deus.

A verdade da guerra

Quem procurar conhecer o Alcorão de maneira mais profunda irá se deparar com alguns dos livros revelados, como Livros de Abraão, os Salmos revelados a Davi, a Torá revelada a Moisés e o Evangelho revelado a Jesus. Paralelamente a esta “surpresa” aos leigos, de que modo os seguidores de outras religiões são vistos, na essência, pelos muçulmanos? De acordo com o próprio livro sagrado do Islão, Surata 2, Al Bacara (“A Vaca”), versículo 256, as outras religiões devem ser respeitadas, já que são uma vontade de Deus. “Não há imposição quanto à religião, pois já se destacou a verdade do erro. Quem renegar o sedutor e crer em Deus, ter-se-á apegado a um firme e inquebrantável sustentáculo, porque Deus é Oniouvinte, Sapiientíssimo”. O Alcorão preza pelo entendimento entre muçulmanos e não muçulmanos, como diz a Surata 2, versículo 83: “Falai ao próximo com benevolência”.

Ao todo, são 527 versículos que falam sobre o diálogo. Para o Islamismo, se Deus deu aos homens o livre-arbítrio, ou seja, a possibilidade de escolher um caminho, sendo cada um responsável por suas opções, não há motivos para acreditar em uma crença certa ou errada. Por isso, prega-se sempre o respeito à liberdade de escolha. Na prática, sabemos que nem sempre a palavra se faz cumprir.

Voltando à questão do *jihad*, especialistas já convergem na conclusão de que a distorção do texto sagrado levou, também, aos movimentos terroristas, que usam religião como

pano de fundo. O *jihad* menor do Alcorão trata do confronto armado no sentido de autodefesa. De acordo com os ensinamentos islâmicos, não se deve estimular ou começar um conflito. Para a religião, se a terra for invadida, cada pessoa tem direito de defender sua posse. Na língua árabe, o termo “guerra santa” equivale a expressões como “harbun muqaddasatu” ou “al-harbu al-muqaddasatu”, diferente da palavra *jihad*. Ou seja, não existe o termo “guerra santa” em nenhum texto islâmico sagrado. Na verdade, é uma expressão criada durante as Cruzadas e que atualmente se associa de forma equivocada ao *jihad*, fazendo se espalhar a confusa mensagem de que os atos terroristas são legitimados pelo Alcorão.

Perigo extremo

O *Global Terrorism Database*, base de dados coordenada por um grupo de criminalistas e estatísticos na Universidade de Maryland (EUA), divulgou no início de 2015 dados que revelam o perfil das vítimas de extremismo muçulmano. De acordo com a pesquisa, entre 2004 e 2013, cerca de 60% das mortes de atentados concentraram-se “somente” no Iraque, no Afeganistão e no Paquistão (países de maioria muçulmana). A pesquisa também revelou que cerca de 90% dos ataques têm alvos nacionais, e não internacionais. Junta-se a isso a estimativa de que os extremistas integrem apenas 10% da população muçulmana – o que significa que entre os demais 90% estão, também, liberais e fundamentalistas, sendo que estes últimos seguem os pontos essenciais da fé à risca, restringindo liberdades (vetando o acesso de mulheres à escola, por exemplo), mas sem interferência armada ou endosso às ações de terrorismo.

Mas, além do que interpretam no Alcorão, o que mais leva os extremistas ao caminho da morte? “No mundo não europeu, colonizado e influenciado pelo Ocidente, a modernização chegou mais tarde, mas de maneira mais rápida e brutal. No entanto, essa modernização não foi acompanhada de uma emancipação social ou política como na Europa Ocidental e na América do Norte, mas da perda da autodeterminação. Na época do imperialismo, a colonização significou, em muitas regiões, uma transformação negativa da sociedade e da economia nativas”, explica o historiador holandês Peter Dermant, em sua obra *O Mundo Muçulmano*. Consequentemente, a leitura radical dos textos religiosos passou a ser também uma forma de resistência e encontrou um campo fértil para ideologias afins.

Além disso, a imposição de valores que os países ocidentais consideram universais pode soar aos ouvidos radicais como a tentativa de se impor um “imperialismo ideológico”. “Tanto a Al-Qaeda quanto o Estado Islâmico estão envolvidos em um projeto global de luta armada indiscriminada contra o Ocidente, sob a hipótese de que uma suposta ocidentalização possa acarretar a deturpação dos ensinamentos do Alcorão e, consequentemente, enfraquecer o Islã. É neste sentido que procuram fundar e legitimar um Estado Islâmico baseado na Sharia, a qual reconhece apenas muçulmanos como cidadãos, negando aos não-muçulmanos, quaisquer direitos”, comenta o especialista em contraterrorismo e analista de assuntos estratégicos André Luis Woloszyn.

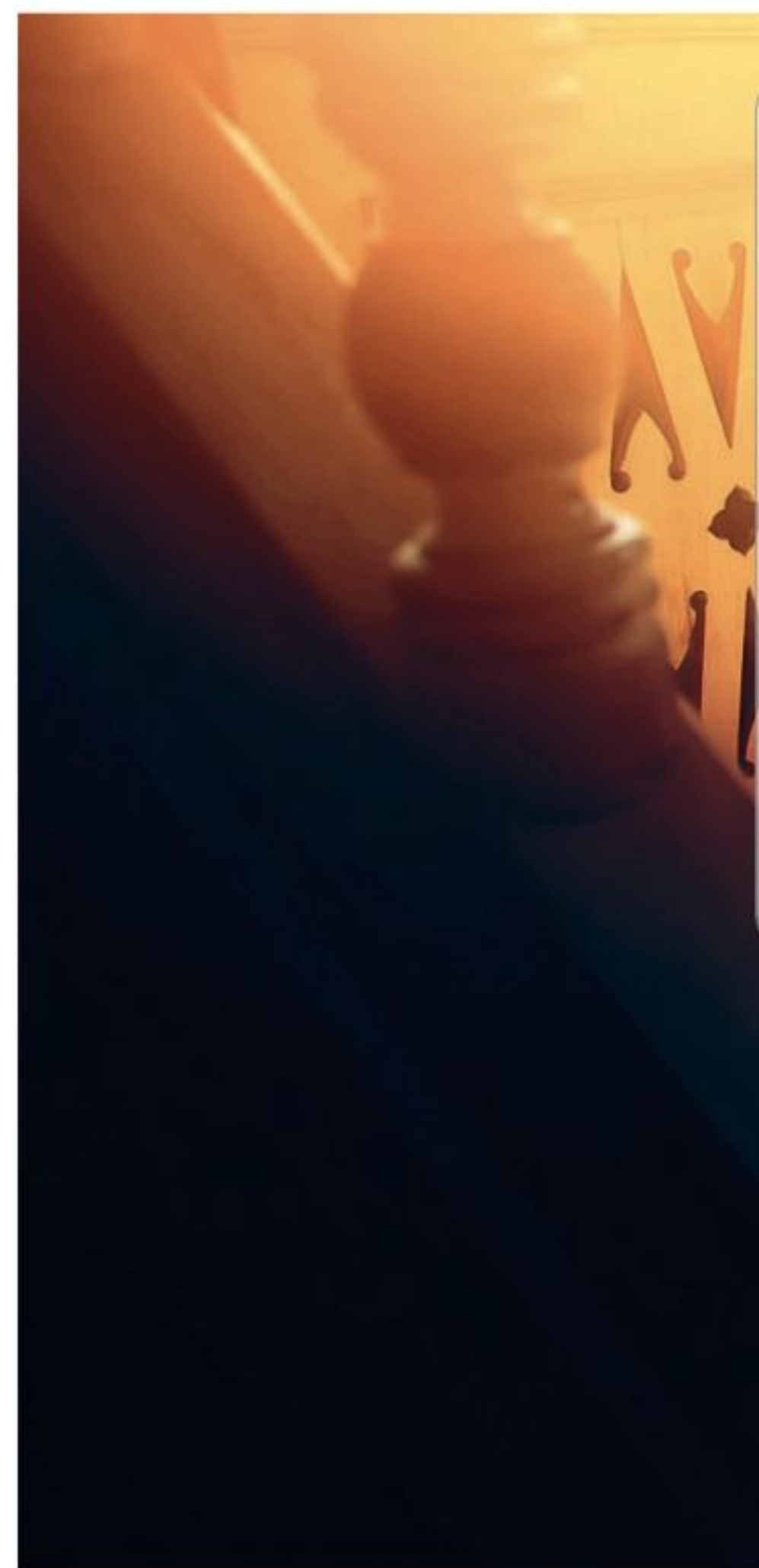
Obviamente, as ações violentas de grupos como o Estado Islâmico criam reação no mundo ocidental, que de-

volve as balas com violência equivalente e vitimiza inocentes no Iraque, Afeganistão e Paquistão, o que faz a perspectiva de paz se tornar remota.

Lugar de mulher?

Uma das maiores polêmicas envolvendo o Islão diz respeito ao conjunto de regras que as mulheres precisam seguir. Proibição de frequentar escolas, restrição ao trabalho (muitas vezes, é permitido apenas o trabalho doméstico), castigos físicos àquelas que pintam suas unhas, legalidade de condenações públicas... A lista é extensa, mas o quanto de todas as

FOTO Shutterstock.com



imposições está realmente atrelado à essência da fé islâmica? De acordo com a obra *A mulher no Islã – mitos e realidade*, do autor Sherif Abdel Azim, a crença na inferioridade da mulher é mais explícita na Torá e na Bíblia. “A imagem de Eva na Bíblia, como uma mulher sedutora, teve um impacto extremamente negativo para as mulheres, através da tradição judaico-cristã. Acreditava-se que todas as mulheres haviam herdado de sua mãe, a bíblica Eva, tanto a sua culpa como a sua astúcia. Consequentemente, as mulheres não eram dignas de confiança, eram moralmente inferiores e más.

Menstruação, gravidez e parto eram consideradas punições justas para uma culpa eterna do amaldiçoado sexo feminino” defende Azim. Enquanto que o “Alcorão, ao contrário da Bíblia, coloca a culpa igualmente em Adão e Eva pelo erro que ambos cometeram. Não há no Alcorão a mais leve sugestão de que Eva tentou Adão, ou mesmo que ela tenha comido do fruto antes dele. No Alcorão, Eva não é insinuante, sedutora ou vencida. Além do mais, Eva não pode ser culpada pelas dores do parto. Deus, de acordo com o Alcorão, não pune ninguém pelas faltas de outro. Ambos, Adão e Eva, cometeram

um pecado e então pediram perdão a Deus e Ele os perdoou”, completa o autor. Além disso, muitas outras passagens do livro sagrado islâmico deixam clara a mensagem de igualdade entre os gêneros. “Quanto aos muçulmanos e às muçulmanas, (...) aos homens e mulheres que fazem a caridade, aos homens e mulheres que jejuam, aos homens e mulheres que guardam a castidade, e aos homens e mulheres que se comprometem em louvar Alá, a todos eles, Alá preparou o perdão e uma grande recompensa” (33:35). Ou então, “e o seu Senhor respondeu-lhes: verdadeiramente, jamais



perderei a obra de qualquer um de vós, seja homem ou mulher, porque procedeis uns do outros” (3:195).

Contudo, é inegável que as mulheres que seguem o Alcorão (mas não só elas) ainda precisam lidar com violência e machismo acentuados. Apesar de as mulheres terem tido um papel fundamental nos protestos da Primavera Árabe (2011), com a eleição da Irmandade Muçulmana representada pelo presidente Mohamed Mursi, houve grandes retrocessos nos direitos feministas. E hoje, quase todas elas estão sujeitas a algum tipo de assédio no país, e o sexual é muito comum – e até aceito, já que quase não existe punição para quem comete o ato.

Com o aumento dos conflitos na região do Iraque e da Síria, com diversos grupos internos em disputa, a mulher se tornou alvo de violência, estupros e sequestros. O casamento forçado ainda é muito comum, principalmente entre grupos extremistas. Na Arábia Saudita, um país muito conservador em relação às mulheres, elas são proibidas de viajar ao exterior, estudar e trabalhar sem a permissão de um parente homem. É o único lugar do mundo onde ainda são

proibidas de dirigir veículos. Porém, o país caminha para maior liberdade, com mais oportunidades de emprego e voz política para elas. Por outro lado, no arquipélago de Comores, o sexo feminino é amplamente aceito desde o seu nascimento e métodos anticoncepcionais são estimulados pelo governo, além de as mulheres geralmente ficarem com a guarda das crianças depois do divórcio. No Saara Ocidental, quando os homens tiveram que ir à guerra a partir da década de 70, as mulheres precisaram assumir as responsabilidades educacionais e políticas, por exemplo, e hoje sua emancipação é notável: mesmo com os homens de volta, não perderam os direitos conquistados. Em Omã, um país que não parece estar na Península Arábica pela liberdade dada às mulheres, ainda é comum observar muitos costumes conservadores, mas por tradições, muitas vezes familiar, e não por imposição do governo ou da sociedade em geral. A maioria delas ainda escolhe, de maneira independente e individual, usar o *hijab*.

Aliás, com a revelação do Alcorão ao profeta Maomé, foram estabelecidos também os direitos da mulher

muçulmana, como o voto, a herança, o divórcio, a disposição de seus bens da maneira que quiser (sem a tutela de nenhum homem), o trabalho, o estudo, o prazer sexual, entre outros.

Os parâmetros da sociedade patriarcal são intrínsecos na família islâmica. Sob o ponto de vista religioso, a palavra final deve ser do homem, justamente o responsável por todas as consequências de sua escolha (para o bem e para o mal). Uma das atribuições da mulher é obter o conhecimento e a sabedoria, principalmente para a maternidade, pois cabe a ela a educação dos filhos. São tais diretrizes que ainda causam incômodo e revolta, uma vez que diferentes sociedades rumam em movimento contrário, no sentido de garantir que cada mulher tenha autonomia para decidir sobre suas obrigações, funções, orientações vocacionais e tudo mais que compete (ou deveria competir) somente a cada cidadã. Em contraponto, Rafael Hussein, do site Islamismo Brasil, reforça que “o Alcorão estabelece normas e condutas, mas deixa sempre as pessoas livres para a escolha de seu caminho”, apesar de muitas vezes as palavras sagradas se tornem, nas mãos dos homens, mais imposições do que orientações.

FOTO: iStock.com Getty Images



OS MELHORES PRODUTOS MÍSTICOS EM UM SÓ LUGAR

Tudo para atrair boas energias para você e sua casa!



PEDRAS E CRISTAIS, VELAS AROMÁTICAS, LIVROS
SOBRE ESPIRITUALIDADE E AUTOCONHECIMENTO,
BANHOS ENERGÉTICOS E MUITO MAIS!

A **loja João Bidu** foi preparada com muito carinho para você ter mais
sorte, amor, prosperidade e equilíbrio. Confira nossos produtos em

loja.joaobidu.com.br

CONHEÇA SEUS PONTOS
FORTES E **SEJA MAIS
FELIZ COM O QUE FAZ.**

ADQUIRA SEU
MAPA PROFISSIONAL
NO SITE DO JOÃO BIDU!

ACESSE:

loja.joaobidu.com.br

O MAPA PROFISSIONAL É IDEAL PARA:

-  compreender sua relação com o mercado de trabalho;
-  criar metas para atingir o sucesso;
-  entender suas características na área financeira;
-  melhorar suas relações no ambiente de trabalho.

Trabalhe seu autoconhecimento e tome melhores decisões. Conte com a ajuda do Mapa Profissional!

João Bidu